

## **NOITE DE AFONSO**

Sidney Summers

Afonso percebeu-se velho e barrigudo. Diariamente era capaz de se espantar com aquilo. “Que Seja!” – esbravejava em seus pensamentos. Grunhiu sons roucos e guturais enquanto coçava a pança redonda e dura como um pão velho. Carregava o peso dos anos sobre os ombros, um amontoado de estações repetidas e desperdiçadas. Na maioria do tempo estava trabalhando, vendendo sua força de trabalho, o que não era muito. Alguns blocos de anos apagavam-se espontaneamente da sua memória. Nada de importante fizera com eles. Estava cansado demais pra qualquer coisa. Massageou com a ponta dos dedos a ampla circunferência que se projetava no seu ventre. Seus padrões também eram gordos, mas ele desconfiava ou pressentia que havia alguma diferença entre as qualidades das suas banhas. Quando gozava da juventude, realmente gozava, sem onanismos, da possibilidade do sexo. Agora, nenhuma esquina guardava surpresas ou encantos.

Desde que se separou da sua mulher, morava só no apartamento. Nem mesmo as putas o frequentavam. Considerava uma vitória não ter cometido suicídio. Sonhava com o êxito de um homicídio perfeito. O medo da pena, entretanto, o impedia de realizar seus íntimos desejos. E mesmo um suicídio mal feito era passível de pena. Está na constituição. Ultimamente andava a quebrar os espelhos da casa. No dia seguinte, todavia, voltava a comprá-los. Poderia parecer absurdo, mas os psiquiatras o diagnosticaram com transtorno obsessivo compulsivo. Fazia vinte anos, estava acostumado a isso. Além do mais, como barbear-se sem espelhos, afinal? Havia dias em que não suportava a própria imagem, estava deformado pelo ácido do tempo. “Foda-se!”. Decidiu comprar cigarros. E mijar no bar após uns tragos. Isso parecia melhor que pisotear e amontoar formigas na sala de casa.

Desceu as escadas estreitas que o conduziriam à porta de entrada do seu edifício. Segurou no corrimão desgastado composto por um material que

imitava o mármore. Eram quase destroços. Já do lado de fora, parou e virou-se de frente para o prédio em que morava. Percebeu a pintura se desprendendo da parede e a parede soltando-se dela própria. Era uma ode whithmaniana. As manchas de bosta de pombo, a sujeito acumulada pelos anos e as calçolas da vizinha crente que pingavam no varal eram adornos adicionais. Isso era o verdadeiro centro da cidade de Salvador. Reconhecia ali seu lar e por isso andou sentindo-se melhor entre os carros, o fedor e as putas.

Cantarolava em assobios uma antiga música no corredor estreito deixado entre os carros e os muros. O caminho até o bar parecia infinitamente distante, às vezes. Alguns acham que para tudo há um motivo oculto. Vai saber... Ficou atento ao cruzar o beco escuro que se aproximava a sua esquerda. Morava lá há tempo e sabia que o beco era utilizado apenas por usuários de maconha e crack, raramente um cocainômano. Porém, ele sabia que se chegara a sua idade ileso, era por que fora um sujeito cuidadoso quando precisava ser. Viu uma silhueta que aumentava ao se aproximar dele. Não parecia ameaçadora, pelo contrario, era absolutamente frágil. Estava choramingando e ao deixar de ser sombra e seus contornos tornaram-se volumes maciços deixou perceber o seio que saltava da camisa rasgada. “A juventude e a moda são mesmo incompreensíveis, absurdos e estranhos!” – pensou por um segundo, o velho.

Ela pedia ajuda. Sua face delicada sob a lua amarela do poste que apagava, juntamente com as outras luzes artificiais, os raios prateados refletidos pela lua deixava à mostra os contornos arroxeados da sua face, bem como os outros hematomas que se devassavam espalhados pelo seu corpo. Ela cambealava sem rumo aparente quando o velho entrevistou. Ainda lhe restava um pouco de humanidade, velho. Ainda sobrevivia alguma coisa lá para além do que fora estrangulado, para além do que assassinou de si para suportar o que precisaria ser suportado e continuar vivendo.

Ou não. A noite é uma vulva vagabunda sedenta, uma ânsia insatisfeita. Afonso ensurdecera naqueles instantes. Era um idiota, mas não imbecil o suficiente para não perceber que se tratava de um caso de violência sexual, contudo. Ele não nutria nenhuma espécie de desejo por mulheres há alguns anos, excepcionalmente uma prostituta que raramente ele visitava, nada além disso. Não sabia o porquê, e isso também não importava, estava com o pau duro, latejando dentro de sua cueca folgada. Aquela coisa tinha sua vida própria.

- Vamos. Te levo ao médico, ao advogado, à policia ou lugar seguro. Até ao dentista, mas vamos sair daqui! – disse Afonso, não acreditando que era capaz de cumprir a promessa das suas palavras. Nem mesmo se imaginava capaz de dizê-las.

No instante seguinte sentiu como se seu cérebro fosse torturado por uma miríade de agulhadas. Não, não tinha inimizades com pessoas próximas ao vodu. Não havia nenhum zumbido dentro da sua cabeça, nenhum relógio de

bolso hipnótico, nenhum fio invisível que o controlasse como marionete. Apenas seu tesão traía sua fala, sua jonga (é a Bahia) traía sua intenção. Ele tinha um coração empedernido, não seria uma puta desconhecida que mudaria aquilo.

Com as duas mãos, ampliou o estrago na blusa rasgada da garota. Os dois seios saltaram livremente para fora. Eram lindos. Não eram perfeitamente redondos. Ele achou justo. Afinal, qual bago é perfeitamente ovóide? Suas aureolas eram largas e os bicos se projetavam como se inflados. A desconhecida gritou e Afonso bateu forte em sua face. Ela gemeu e tropeçou e o velho segurou firme em seus cabelos e empurrou sua cabeça contra a parede fortemente. A velha do térreo fechou a janela, pois o barulho a impedia de ouvir o aparelho televisor. Alguns andares acima, uma sombra que estendia roupas no varal escarrou no casal, errou o alvo e voltou para dentro do seu apartamento. “Pelo menos ainda não estou brocha!” – pensou Afonso. Então, ele a virou de costas, suspendeu sua saia, untou a pica com um escarro viscoso e a enterrou bem fundo na jovem. Como previsto, o sujeito anterior a havia libertado da calcinha. Estocou e após repetidas estocadas abafando a boca ensanguentada da garota, ejaculou dentro dela, libertando-se temporariamente dos grilhões hematófagos do desejo.

Ela ainda chorava quando ele bateu sua cabeça contra a parede mais uma vez. Na sala do apartamento contíguo, a velha peidava revoltada e vingativa. Com a garota desmaiada, procurou pela carteira que carregava em sua mão. Nenhum dinheiro, um nome qualquer na carteira de identidade, dezoito anos. Dezoito anos, a idade perfeita. Poderia ser acusado e desprezado por ser misógino e machista pelo resto dos seus dias, mas nunca seria pedófilo. Pensou em lhe furtar os globos oculares, os dedos e a língua. Mais que uma recordação do infável, era uma garantia da sua segurança. Mas dispensou um trabalho completo. Ele não mexeu no seu cu e dezoito anos é a idade perfeita. Fora do beco, fora novamente engolido pela escuridão da noite para em breve ser regurgitado em um novo dia.

Andares acima, a senhora foi verificar novamente as suas roupas. Estavam molhadas. Viu o corpo desacordado da jovem e escarrou. Dessa vez, ela acertou em cheio.